

Translation NL > EurPT

by Susana Canhoto (Susana Margarida Canhoto Pina Abreu da Silva)

of Martine Kamphuis' book **Dat mag niemand weten**, Ploegsma, Amsterdam, 2020

Pages 5-7, 19-20, 30-31, 36-37, 59-61, 198 and 214-216.

Até onde vais para proteger um amigo?

Ninguém pode saber

Martine Kamphuis

[p.5]

Detido

Sou só eu que tenho frio?

Tenho os dedos empedernidos, dobro-os e estico-os várias vezes, mas isso não ajuda.

Há um aquecedor preso à parede. Por um instante, apetece-me pôr a minha cadeira ao pé dele. Mas estou sentado em frente a uma enorme janela espelhada. Talvez estejam de olho em mim. Não me surpreenderia que houvesse também aqui algures uma câmara a gravar tudo. Sinto-me de tal maneira observado que já nem me atrevo a fazer nada. À minha volta tudo pode ter alguma coisa por detrás. Tudo está aqui para me ludibriar. Ao meu lado, um velhote barrigudo folheia uma data de papéis que tem à sua frente sobre a mesa. Tem os óculos tão à pontinha do nariz que parece que podem escorregar e cair a qualquer momento. O velhote é o meu advogado, o Dr. Wiegens. É suposto ele defender os meus interesses.

Fecho os olhos e tapo a cara com as mãos. Adoraria ser invisível. Tenho vergonha daquilo que eu fiz. Por um momento isso faz-me sentir melhor. Assim pelo menos não tenho de olhar para aquela horrível janela espelhada. Mas, de repente, apercebo-me de que poderiam atribuir todo um outro significado a este gesto. Se não tiver cuidado ainda avaliam o facto de ter as mãos a cobrir o rosto como uma expressão da insuportabilidade de um sentimento de culpa. Como uma confissão.

Como é que eu vim parar a esta situação? Vêm-me à lembrança fragmentos dos acontecimentos dessa noite. Num momento estou no banco

[p.6]

de trás no carro da polícia, no instante seguinte vou a pedalar na bicicleta pelo breu das ruas. E logo a seguir vejo-me atrás de um arbusto de faca na mão.

A porta abre-se. Assustado, baixo as mãos, retirando-as da frente da cara, e volto-me. Tenho os músculos todos doridos e o estômago embrulhado. Cada fibra do meu corpo tem consciência de que fiz asneira. Tão simples quanto isto.

Entram os mesmos detetives que antes me interrogaram e vão sentar-se do outro lado da mesa. Olho para eles, à procura de apoio, de algum sinal de que talvez isto ainda possa correr bem. A expressão facial do detetive não revela nada, quase como se ele estivesse a usar uma máscara. A detetive fita-me com compaixão. Dirijo o olhar para baixo e vejo as minhas mãos pousadas sobre a mesa. Devido às cãibras, os meus dedos parecem garras.

Eu só quis fazer o bem. Eu queria ajudar.

Eu sou um idiota. Um monstro.

O meu advogado endireita-se, permanecendo sentado.

– Vai continuar o interrogatório? – pergunta-lhes.

O policial acena afirmativamente.

O Dr. Wieggers põe-me uma mão sobre o ombro.

– Consegues continuar? – pergunta-me. – Sentes-te bem?

Aceno que sim, não porque me sinta bem, mas porque quero que isto acabe o mais depressa possível.

O detetive aclara a garganta:

– Estivemos a analisar as informações que nos deste anteriormente – diz ele. –

Falámos com várias pessoas. Não encontramos em lado nenhum uma confirmação da tua história.

No silêncio que se segue tomo consciência, a dada altura, de que a minha boca se abre. Fecho-a e abro-a novamente.

– Mas... – começo, e não digo mais nada. O que é que eu tenho de dizer? O que é que eu ainda posso dizer? Já contei tudo a estas pessoas. E não dourei a pílula.

[p.7]

Disse a verdade sobre todas as parvoíces que fiz. E também sobre aquilo que eu não fiz.

– Restam-nos os factos concretos. – continua o detetive – As tuas impressões digitais na faca. O sangue nas tuas mãos. As marcas dos teus pés no sítio onde estiveste à espera da vítima.

– Enquanto estivemos fora da sala, tiveste oportunidade para pensar – disse a mulher num tom de voz que soou quase amistoso. Encarei-a para lhe poder ver os olhos. Parecia preocupada. Será que ela percebia a situação em que eu me encontro? Ou será que vê apenas um criminoso que tem de fazer uma confissão?

[p.19]

Wouter

Prendo a bicicleta a um poste e, enquanto isso, olho à minha volta. O facto de a Iris me deixar escolher para onde vamos é um bom sinal. Se os amigos dela estiverem à nossa espera em algum sítio, ela quererá ir por aí.

– Por ali? – sugiro apontando para uma rua qualquer.

Começamos a andar. Apetece-me perguntar o que é que ela quer de mim, mas não digo nada. Ela quer alguma coisa de mim. Espero por ela.

Está frio, aperto um pouco mais o casaco e enfio as mãos nos bolsos. Passamos por uma escola primária, cujas janelas estão decoradas com os ajudantes do Pai Natal nas cores do arco-íris e sacos de presentes.

– Deves estar a perguntar-te sobre o que é que eu quero falar contigo. – aventa Iris.

– Sim, estou mesmo. – respondo.

Ela demora algum tempo até voltar a falar:

– É difícil de explicar...

[p.20]

mas tenho aqui algo... e não consigo falar com os meus amigos sobre isto.

E, então, fica em silêncio. E apesar de estar a morrer de curiosidade, volto a não lhe dizer absolutamente nada.

– Talvez tu me entendas. Tu já tiveste mais experiências do que a maior parte das pessoas da nossa idade.

Dou por mim a cerrar os punhos. Tenho dificuldade em voltar a abri-los. Se a Iris quiser gozar comigo, bem que pode fazê-lo. Mas o assunto do meu pai não é para ali chamado.

– Wouter? – pergunta a Iris. Ela olha para mim, com ar preocupado. – Desculpa, eu não quero mesmo magoar-te. Eu só espero... Eu esperava...

– O que é que esperavas? – pergunto.

– Deixa estar, não te quero arreliar. – afirma.

Eu paro.

– Vais dizer-me o que se passa ou vais continuar às voltas? Se assim for, vou-me embora, tenho mais coisas para fazer.

– Desculpa! Vejo que estás a ficar impaciente. Só que é difícil começar. Íamos por um campo onde havia um banco. A Iris apontou para ele:

– Vamos sentar-nos ali um bocadinho?

Eu olho para o banco. Tem alguns arbustos à volta, mas tão ralos que não conseguimos esconder-nos atrás deles. Encolho os ombros e anuo:

– OK, como queiras.

[p.30]

Iris

O Bentley está na entrada. O Gijs chegou cedo a casa.

Entro pela porta das traseiras e dirijo-me o mais silenciosamente possível

[p.31]

para as escadas, mas a minha mãe ouviu-me. Ainda nem ia a meio do corredor e já ela me chamava:

– Querida! És tu? Já estava a começar a ficar preocupada! – Tinha mudado a voz para o seu «tom radiante». Não por mim, mas pelo Gijs. Tudo gira em torno do Gijs. Ele tem de pensar que se casou com «A Melhor Mãe de Todos os Tempos».

Tão irritante!

Abro a porta da sala de estar.

– Olá mãe, olá Gijs, – saúdo.

– Nem tenho direito a um beijinho? – pergunta a minha mãe. Fita-me sem pestanejar, com os olhos perfeitamente maquilhados. Quando os meus lábios tocaram na bochecha, senti o aroma do perfume dela.

Felizmente o Gijs não me pediu nenhum beijo. Eu já o ensinara a não o fazer.

– Vou fazer os trabalhos de casa – comunico-lhes.

– Tens trabalhos para que disciplinas? – pergunta a «Minha Formidável Mãe».

– Espanhol – respondo.

– Que língua bonita! – comenta o Gijs. – De um país fantástico. Se calhar, no verão levo-vos a Barcelona! Já alguma vez lá estiveram? É uma cidade fenomenal!

A minha mãe beija-o na face.

– Como tu nos mimas! – diz-lhe. O Gijs vira o rosto para ela e beijam-se como se fossem adolescentes. Eu fujo dali. A minha mãe deve ter-se soltado, porque a oiço a falar outra vez.

– Que fixe, hein, Iris, nós irmos a Barcelona! Podes pôr o teu espanhol em prática!

– Talvez. – respondo. Volto-me e avanço para o corredor. Tal como eu já suspeitava, a «Minha Formidável Mãe» caiu direitinha na minha esparrela. Espanhol nem sequer consta do meu leque de disciplinas.

Esta é a enésima prova de que mal dão pela minha existência nesta casa.

[p.36]

Iris

O Wouter fala comigo, conforta-me, a sua voz é suave e amorosa. A determinada altura encaro-o:

– Obrigada – digo-lhe, enquanto enxugo as lágrimas do rosto.

– Por quê? – pergunta o Wouter.

– Por me ouvires – respondo-lhe. – E pela tua promessa de não ires procurar briga com o Saïd. O Wouter moveu o maxilar, mas nada disse. Ponho a minha mão em cima da perna dele. – Tens de me prometer que te ficas por aí, a sério! – peço-lhe. – Não vais querer saber o que poderia acontecer se fosses atrás dele. Só podia piorar.

– Isso irrita-me! – exclama o Wouter. – O que aquele rapaz faz, não pode ser. Isto tem de acabar!

Concordo com ele:

– Tens razão. Tem de acabar. E vai acabar. Eu acho que deixei isso bem claro.

Conheço-o e sei que não vai voltar a fazê-lo.

O Wouter fica calado.

Em pensamentos vejo-o exatamente como acabei de descrever. O Saïd que vem ter comigo ao parque das bicicletas. Que me agarra pelo braço e me puxa para junto dele. Que me enfia a língua boca adentro enquanto eu tento afastá-lo. O Saïd que mete a sua mão por debaixo da minha camisola.

[p.37]

As vozes fora do parque das bicicletas, que se aproximam e são a minha salvação.

– Cumpres a tua promessa, Wouter? – interrogo-o. A minha voz soa-me estranha, como se viesse de outra pessoa. – A sério: não faças isso, sim?!

O Wouter acena que sim:

– Eu cumpro aquilo que prometo.

– Obrigada. – agradeço-lhe. Fito-o por um instante e volto a desviar o olhar. – Escuta, vou certificar-me de que não volto a estar sozinha no parque das bicicletas. Vou garantir que ele não volta a encontrar-me sozinha em lado nenhum. A única coisa que me incomoda é...

– O quê? – interrompe-me o Wouter. O tom da sua voz continua zangado.

– O Saïd ainda tem o meu relógio de prata. Era o relógio de bolso do meu avô, que eu herdei quando ele morreu.

– E porque é que o Saïd o tem? – pergunta o Wouter.

Encolho os ombros.

– Ele achou-o bonito e perguntou-me se lho podia emprestar. Também me disse que era para ter uma coisa minha com ele. E eu até achei isso muito querido na altura.

– E ele não to devolveu quando se soube?

Abanei a cabeça em sinal de negação:

– Não. Ao início tive tanto medo da reação dele que nem sequer pensei nisso. Ele reagiu de forma mesmo violenta quando lhe disse que não queria mais nada com ele. Eu esperava que as coisas ficassem mais calmas entre nós e que depois ele mo devolveria. A determinada altura mandei-lhe uma mensagem no WhatsApp a pedir-lho. Ligou-me de imediato, a insultar-me, a dizer que eu lhe tinha dado o relógio e que agora era dele. Sempre que vejo o Saïd passar no corredor, vejo a corrente do relógio a sair do bolso da frente da mochila.

Baixo a cabeça e cubro a cara com ambas as mãos. Por um segundo nada acontece. Depois, pela segunda vez hoje, o Wouter abraça-me.

[p.59]

Wouter

– É o Gijs. – diz a Iris. Ela fala muito baixinho.

– O novo marido da tua mãe?

A Iris acena afirmativamente.

– O que é que tem ele? Ponho os meus braços à volta dela e aguardo.

Ao longo destas semanas em que nos temos vindo a encontrar, a Iris foi-me contando aqui e acolá algumas coisinhas sobre a sua família. Ela sente a falta do pai e ainda mais porque a mãe está o tempo todo ocupada com o seu novo companheiro. Segundo a Iris, o Gijs já fazia parte da vida da mãe ainda antes do divórcio, mas a mãe jura que só o conheceu depois disso. A mãe está tão doida por ele que já nem presta atenção à Iris.

O Gijs é rico. E a Iris acha que isso não é por acaso. Antes do divórcio as coisas não corriam bem no negócio do pai. A coisa ia tão mal que estavam em vias de terem de se mudar para uma casa mais pequena. A mãe de Iris jamais suportaria isso. Um mês depois do divórcio o Gijs veio pela primeira vez lá a casa e no verão passado casaram-se. Para a mãe da Iris tudo está bem. Mas a Iris sente a falta do pai. Tem saudades da sua antiga família.

Eu gostava do facto de ela confiar em mim. E embora eu não lho queira admitir,

[p.60]

de certa forma também gostava do facto de nem tudo ser perfeito em casa dela. Com a Renske era diferente, ela tinha um pai fantástico e uma mãe amorosa e muito trabalhadora. O meu pai morreu e a minha mãe passa dias inteiros enfiada na cama, mas eu não me atrevia a falar disso à Renske. Sentia vergonha da minha mãe e tinha medo de que começassem a ver-me mais como um caso problemático do que como um amigo.

Com a Iris eu podia falar sobre aquilo que não corre bem na minha família. A ela, até me atreveria a levá-la a minha casa.

– O que é que se passa com o Gijs? – pergunto novamente.

– É difícil de dizer – sussurra a Iris. Sinto-a a tremer. Será do frio ou de outra coisa?

Volto a pensar no que a Iris me contara. Depois da primeira visita, o Gijs passou a vir cada vez com mais frequência e ficava a dormir lá em casa. A boda do casamento foi gigante, eu vi as fotografias no Instagram. Tudo muito exagerado, até soltaram pombas de um cesto de vime, como se fosse o casamento de famosos do mundo do espetáculo.

A Iris continua calada. Aperto-a com firmeza contra mim.

– Ajudaria se eu te fizesse perguntas?

– Talvez...

– Está bem. Terá a ver com o facto de a tua mãe estar cada vez mais distante por causa do Gijs? – questiono.

– Sim. – concorda. Mas logo de seguida, emenda: – Não. A minha mãe não faz ideia do que o Gijs anda a fazer e se eu lhe dissesse ela não acreditaria em mim. Por isso, nesse sentido, ela já está bem distante de mim.

– O que é que o Gijs anda a fazer? – pergunto.

Em vez de responder, a Iris começa a chorar. Abraço-a com força e afago-lhe o cabelo, enquanto espero por aquilo que ela me irá contar.

[p.61]

Fez-se silêncio durante bastante tempo.

E, de repente, as palavras já não são necessárias.

Eu já sei o que o Gijs anda a fazer.

[p.198]

Renske

A minha voz soa calma, mas não é assim que eu me sinto. Tenho as mãos pegajosas, as pernas a tremer.

– Vá lá Renske, não te faças de difícil! – diz a voz e, de repente, cai a ficha.

É a Iris.

Ela sabe que eu quero ir à polícia! E quer impedir-me!

– Mas não podemos ficar aqui assim para sempre!?! – pergunta a Iris.

– Estou aqui tão bem – afirmo e, no mesmo instante em que o digo, constato que é mesmo verdade. Não tenho de fazer mais nada para além de manter a porta fechada. A Iris não é suficientemente forte para a abrir. E, mais cedo ou mais tarde, os meus pais estarão em casa.

Por momentos sinto-me bem.

– O teu telefone está em cima da mesa da cozinha – diz a Iris, então. – Os teus pais mandaram uma mensagem a dizer que vêm mais tarde.

[p.214]

Renske

O Wouter fala sobre a noite em que o padrasto da Iris morreu. Começo por rezear que a mãe e a tia venham sentar-se ao pé de nós a qualquer momento, mas isso não acontece.

– E esta é toda a história, – diz ele, quando termina.

Vejo insegurança no seu olhar, como se ele não soubesse qual iria ser a minha reação.

– Obrigada por me teres contado – agradeço. – Fico contente que não tenhas sido tu quem apunhalou aquele homem.

[p.215]

– Eu também. Mas eu tive intenção de o fazer e isso não é certo.

– A Iris manipulou-te – digo eu.

O Wouter anui:

– É verdade. Mas isso não faz com que seja certo. – Ele olha, por um instante, para as suas mãos e depois novamente para mim. – Eu sei, com muita certeza, que não voltarei a cometer esse erro.

Acredito nele.

– Ouviste o que aconteceu quando a Iris apareceu em minha casa? – indago.

– Mais ou menos – responde o Wouter.

– Houve um momento em que desejei que ela estivesse morta. Eu empurrei-a pelas escadas abaixo, e fiz isso para me proteger, mas no momento em que a vi cair, desejei que morresse.

– Ela não morreu. – remata o Wouter.

Aceno, afirmativamente, com a cabeça:

– Felizmente que não. Mas nunca esquecerei que eu queria que isso acontecesse mesmo.

Ficamos ambos em silêncio.

– Eu também estava lá, naquela noite em que o homem morreu – digo, por fim. – Eu vi no meu telemóvel que ias para a casa da Iris e fui atrás de ti.

O Wouter sorri:

– Eu sei – revela ele. – O meu advogado contou-me. Ele leu-me praticamente toda a declaração.

Fixo os olhos na mesa e revelo:

– Mas lá não diz que eu também tinha uma faca. Que, no último momento, enfiei o meu canivete no bolso. Não que eu tivesse isso planeado, mas tinha-o comigo.

O Wouter cala-se.

– Achas estranho o que eu fiz? – pergunto-lhe e fico a observá-lo.

– Muito estranho – responde o Wouter. E sorri daquela maneira que eu sempre achei irresistível. Ainda acho. – Mas estou contente

[p.216]

que o tenhas feito. – Ele volta a fazer uma expressão muito séria. – Salvaste-me.

– Isso não foi tudo – continuo eu. – A Iris manipulou-te e eu manipulei a amiga dela. Para conseguir saber mais sobre ela. Para te ajudar. Só isso... Não devia tê-lo feito. Não devia mesmo. É uma coisa que eu nunca mais vou querer fazer. Usar uma pessoa.

O Wouter não diz nada, limita-se a acenar com a cabeça.

Ainda bem que ele não tenta justificar o que eu fiz. Passado algum tempo, o silêncio torna-se desconfortável.

– Achei muito lisonjeador que tenhas ido atrás de mim – comenta então o Wouter. Ali está novamente aquele irresistível sorriso.

A sensação de desconforto desaparece.

– A massajar o ego? – pergunto, esboçando um sorriso.

– Absolutamente! – exclama ele. O sorriso desvanece-se. O olhar fica hesitante. –

Ainda gostava de te fazer outra pergunta.

– Então diz lá – convido.

O Wouter pigarreia:

– Quanto tudo isto estiver atrás das costas, queres combinar alguma coisa? – Ele sorriu hesitante. – Em minha casa?